



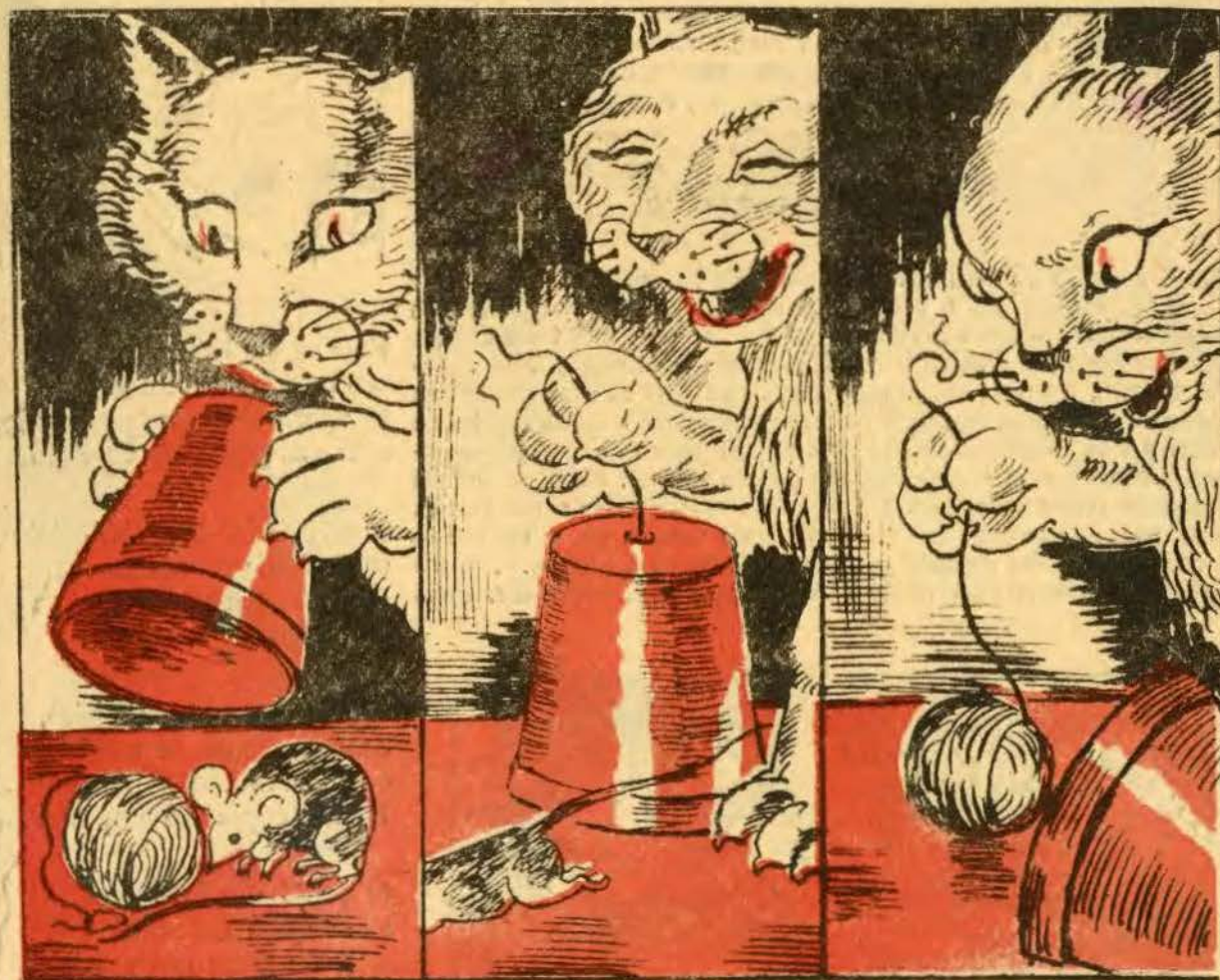
DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

A decepção do "Carocho"



I — Tareco Carocho,
a-pesar-de coxo,
era destes gatos
que teem, por norma,
dar, de qualquer forma,
tareia nos ratos,

II — Pegando num vaso,
'spera que o Acaso
lhe depare um rato,
ao pé do novelo,
a-fim-de prendê-lo
dentro em tal recato,

III — Pelo buraquinho
do vaso, o rabinho
do ratinho, o gato
supõe já na mão...
Mas... não era o rato!
Oh, que decepção!

As primeiras férias de Luizinho

Por TOUTINEGRA

CONCLUSÃO

Talvez aquela boneca, além; dirigindo-se para lá, indagou quanto custava. — «15 escudos, respondeu-lhe o homem». — Luís ficou atrapalhadíssimo. — «E aquela, além, mais pequenina?» — «8», respondeu o vendedor... Se Luís tivesse sido económico poderia levar-lha; assim... E teve que decidir-se por uma mais pequena e menos bonita, que custava, apenas, 4 escudos. Restavam-lhe 2 escudos! Comprou, então, um bôlo para os pais e, com o resto, foi andar no «carroussel», do que nada gostou, pois ficou com vertigens e mal disposto do estômago. Voltaram para casa! Pelo caminho, foi sempre indisposto e de noite teve uma indigestão, que o fez ficar dois dias a caldinho de galinha, dizendo mal da sua gula que o fizera ingerir tanta trapalhada! No entanto, parece-me que, jámais, êle comerá sem conta, esquecendo os outros.

As formigas

Era aquela a última tarde que passavam no campo.

Luís, sentado sob o castanheiro amigo, que durante aqueles três meses o deleitara com a sua sombra, olhava, saudosamente, todos aqueles sítios de que tanto gostava e que brevemente abandonaria. Mas vinha-lhe, também, à imaginação, a escola, os livros com as suas engraçadas histórias, os semblantes amigos dos seus professores e sentia desejos de voltar à vida do estudo. Queria vir a ser um grande homem, ganhar dinheiro como o papá e, para isso, era preciso estudar. Depois é que êle compraria coisas lindas para a Alice: uma boneca como a que vira na feira, mas... que tonto que êle era! Depois também ela já não queria bonecas, pois já era crescida; comprar-lhe-ia vestidos, sapatos... Assim divagando, reparou num carreiro de formigas. Que engraçado. Umas



BÉBÉ DOENTE

Bébé na cama, doente
cheio de febre, suspira...
revolve-se impaciente...
— Coitadinho! Não admira!



Pois se êle havia estudado
tão bem a sua lição!
E agora, assim, neste estado,
sôbre as penas do colchão

e entre os dois lençóis de linho,
sente triste o coração...
De que vale ao Bébêzinho
ter estudado a lição?!

Sôbre o pequenino leito,
desconsolado, se aninha.
—...Um ditado tão bem feito...
E uma cópia tão limpinha!...

O problema ia tão certo!
Os verbos todos de côr!
—(Este Bébé era esperto!
O orgulho do professor!)—

E, quando no quarto entrava
branda luz da madrugada,
inda êste Bébé sonhava
com verbos e a tabuada!

BÉBÉ RESTABELECIDO

Curou-se, enfim, o Bébé!
Levando, ao ombro, a sacola,
alegre, como se vê,
vai a caminho da Escola!

Com certeza, é recebido
com mil protestos de amor!
— Condiscípulo querido,
aluno respeitador!

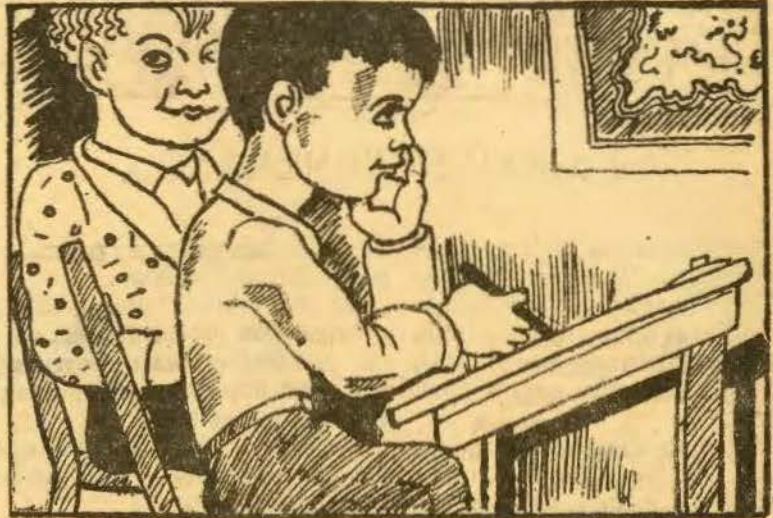
Tão intensa comoção,
só pode compreender,
quem sinta, no coração,
a alegria de aprender!



No Céu, há mais claridade!
O Sol tem novo fulgor!
E, nos parques da cidade,
cantam, as aves, melhor!...

Toda esta imensa beleza
que perde na descrição,
leva o Bébézinho prêsá,
dentro do seu coração!

E nunca, na sua vida
— vida alegre, que consola,
lhe pareceu tão comprida
a rua da sua Escola!



para cá, outras para lá; de quando em quando paravam duas, que se cruzavam, como quaisquer amigos, cumprimentando-se. Um grupo delas tentava levar, para o celeiro, uma mosca já morta; e era interessante ver o esforço que faziam e as que iam chegando, auxiliando-as.

Ele também precisava que o auxiliassem, para vir a ser alguém. Seus pais vestindo-o, dando-lhe comida e dinheiro para as despesas do colégio; os professores ensinando-o pacientemente, etc., etc. Muitos trabalhavam para ele, mas quando fôsse crescido, também havia de trabalhar e, então, pagaria a grande dívida que estava contraindo.

Reparou, novamente, nas formigas: Continuavam na sua faina e as que tentavam acarretar o bicho, já se tinham movido uns dez centímetros. Quanto trabalho e paciência era preciso às laboriosas formigas para conseguirem o almejado fim!

Anoitecia e Luís encaminhou-se para casa.

Depois de jantar foi, com seu Pai e Alice, despedir-se de Chico, Maria, e dos Pais. Estava uma noite linda de luar e, por todos os lados, se ouviam rouxinóis cantando divinalmente.

Na Escola

Como chegaram cedo a Lisboa Luís foi, nesse mesmo dia, para a Escola.

Sentiu-se imensamente feliz ao sentar-se na sua carteira, ao cumprimentar os seus mestres e condiscípulos.

Um pouco esquecido do que aprendera foi com grande dificuldade que deu as lições; mas não desanimou, nem se aborreceu, recordando a paciência e persistência das formigas.

E agora meus meninos, para terminar, digo-lhes que, deste mixto de bom e mau que há em Luízinho, apurar-se-há um homem de bem, porque tem vontade de ser alguém e gosta de estudar.

Os livros e os prudentes conselhos e exemplos dos Pais e dos mestres, ensinar-lhe-hão o caminho da honra e do dever, o único que nos leva à felicidade.

UMA PARTIDA DO TONECAS

Por GRACIETTE BRANCO

TONECAS era um pequenito de dez anos, esperto e endiabrado, que todos os dias imaginava nova partida com que martirizava o pobre Jójó, seu irmãozinho de quatro anos, apenas.

Como, em casa, só havia uma criada, Jójó ficava, muitas vezes, confiado à guarda de Tonecas, nas horas em que a mãe, atarefada, olhava pelos trabalhos domésticos.

Eram esses os momentos mais felizes de Tonecas, que, embora adorasse o seu irmãozinho mais novo, se comprazia em o ver, fazendo beicinho, assustado, encolhido a um canto.

Depois de mil diabruras, diariamente imaginadas, como, por exemplo, lençois pela cabeça, rugidos de leão, a pele de tigre pelas costas, carças feitas de jornal, etc., Tonecas lembrou-se, uma tarde, de nova e divertida «partidinha»...

Com a tinta preta de pintar o fogão, enfarruscaria a cara e, com

Tonecas, saísse, desta vez, a idéia para uma partida fatal!

Os seus olhitos ansiosos não se despregavam de Tonecas, que, em sua frente, com um dedo na testa, em atitude cómica, meditava profundamente.

De repente deu um salto, que fez dar um grito a Jójó, exclamando, triunfante:

— «Já achei! Boa piada!» e desapareceu, pela porta da entrada, deixando a tremer, como varas verdes, o pequenito Jójó.

Ele não chamava a mãezinha, porque isso custar-lhe-ia um puxãozinho de orelhas e uma partida ainda mais horripilante...

De forma que, sentadinho no chão, a um canto, Jójó, paciente-mente, esperava...

Lentamente, muito lentamente, a porta começou a abrir-se. O coração de Jójó parecia um passarinho assustado...

Tremia-lhe o beicinho e, vagorosamente, ia recuando, aninhando-se cada vez mais, no seu cantinho que era o seu refúgio.



alvaiade e tinta encarnada, completaria uma autêntica carantinha de preto.

Jójó, sentadinho a um canto da casa dos brinquedos, esperava, resignada e pacientemente, que, da cabeça de seu perigoso irmão

E a porta continuava abrindo-se lentamente, até que pela greta, uma coisa medonha, horrível, espreitou...

Jójó julgou sonhar! Mas não. Era verdade! Um horrível preto, monstruoso, de grandes beijos e

olhos faiscantes, olhava para ele, ameaçadoramente!

Desatando a chorar e a tremer, o pobre Jójó esfregava os olhitos, na esperança de desfazer o que ele supunha ser uma alucinação.

Não era possível que aquele preto medonho fôsse o mano Tonecas. Não! Não podia ser! Algum preto, que, encontrando a porta aberta, criminosamente, entrara.

E então, anciosamente, gritou pelo irmão:

— «Tonecas! Salva-me, Tonecas!»

Nesse momento, o coração de Tonecas tocou a rebate.

E já compadecido do desgraçado Jójó e receando que os acoi-



UMA LIÇÃO

Por GRACIETTE BRANCO



A Lila tinha a triste mania de se debruçar à janela, e, por mais que sua mãezinha, pacientemente, lhe ralhasse, a Lila não obedecia.

Era muito feia, não é verdade, meus meninos? Eu tenho a certeza que os lindos pequeninos que estão a ler este breve conto, seriam incapazes de desobedecer a uma ordem materna.

Pois a Lila desobedecia!!! Não havia vigilância que ela não iludisse!

— «Mas tu não vês que podes



caír à rua e morrer?» — dizia-lhe, vezes sem conta, a mãe.

Mas ela, impertinente, respondia:

— «Tu julgas que eu morria, mãezinha? Podia lá ser!... A janela é tão baixinha...»

E só à força de açoites, a Lila abandonava a janela.

Tinha ela uma grande paixão no mundo, além da natural paixão pelos Paizinhos: — a sua boneca Isabelinha. Dera-lhe o Padrinho no dia em que fizera dois anos, e, como preciosa relíquia, Lila conservava-a, há já quatro anos, novinha em folha, como 'saíra da loja.

Adormecia com ela; comia com ela, sentada a seu lado; passeava com ela; com ela desabafava os açoites e ralhos e... até com ela, se debruçava à janela.

Ela mesmo dizia que a Isabelinha era uma pessoa da família...

A Isabelinha andava sempre lavada e penteada, mudando de roupa todos os dias, como devem fazer as bonecas e as meninas acaçadas.

Lá boa mãe era a Lila...

Mas o pior era ser uma filha desobediente e teimosa.

Impertinente, irreflectida, a Lila continuava debruçando-se à janela, e, com ela, a sua Isabelinha.

E Isabelinha, seguindo os exemplos de Lila que, apenas nisto,

era ma mãe, debruçava-se, também, já espantosamente empurrada pelos braços de Lila, a qual queria que toda a gente que, na rua, passava, visse a sua boneca.

Uma tarde, porém, surgiu o inevitável castigo para a menina teimosa. Estava Lila debruçada à janela e encarrapitada na pontinha dum banco, quando, de repente, catrapús... a Isabelinha se foi estatelar, em cheio, na calçada!

E' impossível de descrever a dor da pobre Lila, vendo, despedaçada, a sua estremecida Isabelinha!

Aos seus gritos acudiu a mãezinha que, compreendendo a lição, e estreitando a filha, apaixonadamente, nos braços, lhe segredou ao ouvido:

— «Lila: — quem tinha razão?! Ainda bem que foi a Isabelinha, porque bonecas há muitas, mas Lilas... é que há só uma!

Prometes não tornar a debruçar-te, meu amor?»

— «Prometo, mãezinha. Tu tens sempre razão. Fôste melhor mãe do que eu!»

F I M

tes da mãe fôsem demasiado fortes, o Tonecas gritava agora, assustado com a palidez do irmão.

— «Jójó! Jójó! Sou eu! Não chores! Foi uma partida! Uma partida engraçada!...»

Mas a mãe é que não lhe achou graça nenhuma, que o encheu de açoites e nunca mais entregou a sua desvelada vigilância o pequenino Jójó, compreendendo, e

muito bem, que nada existe de pior, para o espírito das crianças, do que o terror e o medo.

F I M

Uma excursão escolar



I — Mestre Elefante
em sua aula,
ante os alunos,
assim lhes fala:



II — «Se fôr, por modos,
boa a lição,
faremos todos
uma excursão.»

III — Logo os petizes,
bons estudantes,
muito felizes,
pulam, radiantes.



IV — E ei-los marchando,
junto do Mestre,
bom ar campestre
já respirando.



V — Mas tais delitos
faz a canalha,
que o Mestre ralha!
— «Ai que malditos!»

VI — Vendo-os num charco,
com grande telha,
sôbre uma celha,
que faz de barco,



VII — Mestre Elefante,
assás trombudo,
ralha por tudo
em voz troante.



VIII — Nisto, começa
a choviscar;
e ei-los a andar
a toda a pressa...

IX — Pois tanta «bolha»
e «telha» a esmo,
estavam mesmo
a pedir... molha!

1º CONCURSO de CHARADAS e ADIVINHAS

QUADRO DE HONRA

Premiados das séries XV a XIX: (Com um lindo livro): — Aprendiz, CInco, Janica. (Com uma construção de armar): — Ziul, Tim Tim, Pica Pau, Renato P. da Silva, Marietta, M. Monteiro, Alberto Luiz Fernandes, Alfredo Lopes Cascais, Artur Melo Cabral e José da Fonseca Polama.

Premiados das séries XVI a XX: (Com um lindo livro): — Quinha Guimas, Maria Fernandes Remachido e Vira.

(Com uma construção de armar): — Andaluzita, Cortegneças, D. Rufa, Homem Macaco, Jodasil, Jorge de Sintra, Julio da Silva Carvalho, Love, Milu, e Off-Side.

Premiados das séries XVII a XXI: (Com um lindo livro): — Patachon, Abelha Mestre e Ni Ni.

(Com uma construção de armar): — Pimpolho, Linhas, Chevalier, Alô, Aglo, Angomado, Marianela, Rei Roca, El Gil e Fixe Pocaricense.

Pedimos aos concorrentes seguintes, o favor de mandarem as respectivas moradas, para lhes serem enviados os premios que lhes competem:

Brincalhão, Leão das Selvas, D. Fafe, Desportista, Fidalgo dos Santos, Dr. Pianaça, El-Diabito, Saloio, Antonio Barros, El-Gordo, Joaquim Mesquita, Marito, Coca-Bichinhos, Maria do O', El-Bravo, William, Homem Zito, Marito Pito, Tigre Real, D. João, Boguinhas, João Pereira Barbosa Minhota, Kico, Alcamosi, Filipe Moreira, Iur, Tom Mix, Nazaré da Povoá, Lilau, El-Galito, Timpanas, Rainha da Granja, Juju, Principe Zéca, Mibel, Antero dos Santos Ribeiro, Flôr de Lotus, Zéca Pinhão, Pinta-leão, Bébé, Aníbal e Grilinha.

RETRATOS DE ALGUNS CONCORRENTES



orge de Castro
Quaresma

«Dorecas»
(Reguengos)

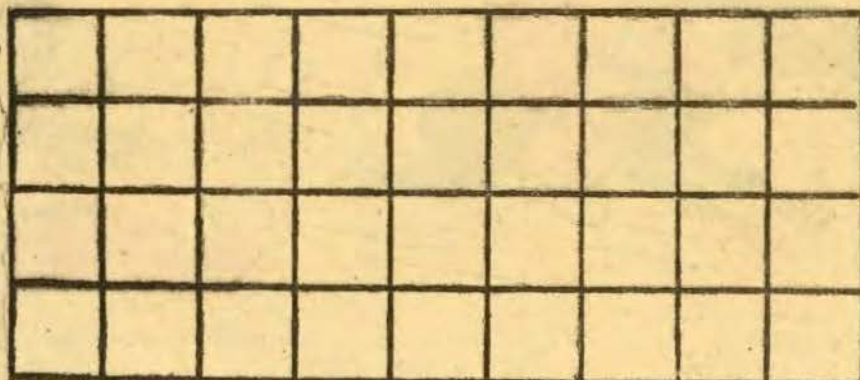
José Manuel do
Carmo Rosado

Maria Alexandra
Felix

«Oliva» Maria
Amélia Barreto
de Oliveira

Claudimiro da
Silva Rosa

P R O B L E M A



Consiste este problema em transformar este rectângulo num quadrado, cortando-o em duas partes e sem alterar os quadrinhos.

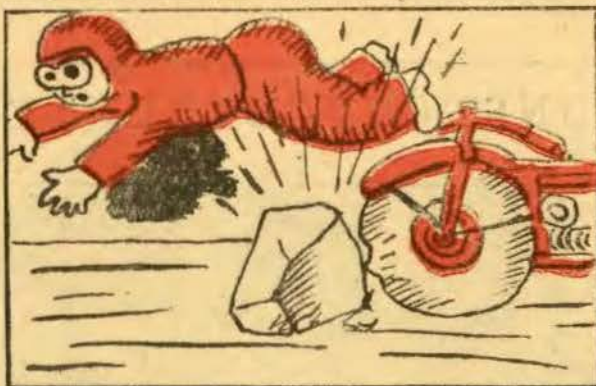
Ver a solução no próximo número.

O VENCEDOR IMPREVISTO



I — A corrida de «motos», nêsse dia festival, decorria com entusiasmo assás pensacional.

II — A assistência era enorme. Os concorrentes caprichando, contentes, procuravam vencer, quasi voando.



III — Entanto, um deles cai. Ei lo cuspid, mãos ao ar; e vencido, se julga já, como é de calcular.

IV — Mas vai tombar em cima dum jumento que pastava, em tal momento, e com tal cavaleiro não contava.



V — Desenfreado o burro, mal o sente, n'ância inquieta de fugir para a frente, põe-se a correr em direcção da meta.

VI — E entre palmas e o pasmo da assistência, então o nosso heroi vitoriado foi; saíndo o vencedor por excelência!